

Educação entre Ciganos na Paraíba: Observando Práticas de Aprendizagem na Construção Identitária¹

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro²

Resumo

Este artigo é construído na perspectiva de uma análise reflexiva sobre a construção do ser Calon a partir da aprendizagem da língua materna entre crianças ciganas. Buscando estar atento às singularidades do processo educacional, este texto apresenta notas teóricas sobre consciência, humanidade e aprendizagem em diálogo, com observações feitas no processo de aprendizagem da língua materna em dois contextos distintos de grupos de ciganos na Paraíba. Apontando que, além da escolaridade entre o grupo, existem formas de educação que nos fazem pensar como Calon, e que nos leva a refletir sobre aprendizagem e reconhecimento na perspectiva de uma educação prática.

Palavras-chave: Consciência. Educação. Linguagem: Aprendizagem. Criança Cigana.

Abstract

This article is constructed from the perspective of a reflexive analysis on the construction of the Calon being from the learning of the mother tongue among gypsy children. Seeking to be attentive to the singularities of the educational process, this text presents theoretical notes on consciousness, humanity and learning in dialogue with observations made in the process of learning the mother tongue in two distinct contexts of groups of gypsies in Paraíba. Pointing out that, in addition to the schooling between the group, there are forms of education that make us think like Calon and that leads us to reflect on learning and recognition in a practical education.

Keywords: Consciousness. Education. Language: Learning. Gypsy Child.

1. Apresentação

Na complexa proposta de pensar sobre processos de educação e aprendizagem, deparamo-nos quase sempre com discursos inteiros e acabados sobre uma educação pedagógica que visa a um tipo de formação do sujeito. Para pensar as formas de práticas educativas entre os ciganos

¹ Agradeço especialmente a todos os ciganos Calon que me receberam e continuam me recebendo em suas casas, crianças e adultos que me ensinam durante todo tempo de convivência sobre a vida Calon.

²Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC), bolsista de doutorado CNPq. Participa como integrante dos grupos de pesquisa CRIAS - criança, sociedade e cultura da UFPB; Do grupo de pesquisa GEC - Grupo de Estudos Culturais da UFPB; e do NEPI - Núcleo de Estudos de Populações Indígenas, da UFSC. Contato: edilmanjmonteiro@gmail.com

Calon na Paraíba, tenho buscado apreender o olhar sobre os modelos de educação que ocorrem na prática, como exposto por Jean Lave (2015), que falam sobre aprendizagem na prática cotidiana dos grupos.

Quando nos referimos à educação, somos levados a pensar na escola e nos processos de alfabetização ali formados. Para além da escolarização, temos nos defrontado com a educação que acontece entre os pares, entre o grupo local. Autoras como as antropólogas Camila Codonho (2007), Antonella Tassinari (2009), Clarice Cohn (2013), mostram as perspectivas educacionais e seus processos de aprendizagem entre crianças indígenas, assim como a antropóloga Maria José Casa-Nova (2005; 2009) com crianças ciganas, o que nos permite olhar, através de seus trabalhos, “pedagogias” e formas de aprendizagem peculiares em cada grupo pesquisado. Esses investimentos são práticas educacionais que permitiram repensar sobre que tipo de educação se poderia encontrar, observar e compreender entre os ciganos Calon na Paraíba.

Inicialmente, pensei em problematizar a ausência da escola no cotidiano das crianças ciganas, no contexto etnográfico. Mas, a partir da leitura do texto de Tassinari (2009), revi a questão da educação sob outro olhar, problematizando as múltiplas concepções de infância e pontuando as concepções locais de educação. Compreendi que o objetivo da pesquisa estava direcionado a um tipo de educação construída no modelo “aluno-professor, criança-adulto” - entre outras dicotomias que vão diferenciando e hierarquizando - limitando a capacidade criativa na transmissão de conhecimento entre quaisquer sujeitos e, nesse caso, entre ciganos em suas relações geracionais (crianças-adultos/ crianças-crianças/ adultos-adultos).

Repensar educação, escolarização e práticas de aprendizagem foi preciso, principalmente a partir das incursões de campo realizadas nos anos de 2013 e 2014, junto aos Calon da Zona da Mata Paraibana. Após meses de frequência no trabalho de campo, percebi que, para compreender a complexidade da educação cigana, necessitava seguir uma linha de raciocínio que ajudasse a pensar tanto educação quanto escolarização. Conhecer o grupo, em sua forma orgânica de organização, compreender qual é a concepção de vida dos ciganos, e quais elementos são imprescindíveis para se pensar numa educação coletiva construída na prática e no processo de se fazer Calon permearam o primeiro momento da pesquisa, resultando em um olhar sobre os ciclos geracionais Calon, em especial, o período da infância.

Para conhecer sobre a educação, necessitava, antes de tudo, conhecer sobre a vida, e como ela se constitui dentro da lógica do grupo, ou seja, pensar quais elementos são postos na rede de ensino-aprendizagem; como se aprende e ensina no grupo familiar, nesse processo de construção de um auto reconhecimento enquanto pessoa Calon; e o que torna a educação cigana singular, são inquietações pertinentes neste trabalho.

Tassinari (2009) e Cohn (2013) já apontavam a necessidade de conhecer como as infâncias são concebidas em diferentes grupos, e diante desse processo de concepções distintas, alguns processos de aprendizagem atrelam-se ao processo da noção de “pessoa” em cada grupo. Entender como se vive a infância e quais as prioridades de aprendizagem em cada período da vida cigana, e como estes processos acontecem, é extremamente importante para compreender quais as demandas do grupo, se existem, e como suas práticas podem ser pensadas de forma “pedagogizante”, assim, pensar uma educação escolar.

2. A Infância Calon: elaborando uma compreensão sobre fases da vida

Observar a infância entre os ciganos foi meu primeiro desafio nesta trilha de compreensão sobre a educação no grupo. Refletir sobre a infância Calon, observando esse período como uma fase singular do grupo, não delimitado por faixa etária, mas por fases rituais³, podendo ser mais prolongada para alguns sujeitos e para outros não. A infância Calon é um período que compreende a *proteção* dos familiares para com suas crianças, principalmente seus pais, é o período da *aprendizagem*, momento no qual as crianças aprendem a ser Calon e Caline também, num período final desta fase, é o momento da *preparação*, tempo quando começam a realizar atividades respectivas à divisão de gênero do grupo até a chegada do matrimônio.

O processo do casamento pode ser iniciado bem antes da data marcada. Entre os Calon, o casamento, já começa a ser preparado a partir do acordo entre as famílias dos noivos. Nesse período, dar-se-á o início do processo de transição de fase da infância para a adultez. Com o acordo do matrimônio, vem o preparo da festa, o dia da celebração do matrimônio e o tempopós-

³ Durante a pesquisa de mestrado, pude compreender que, entre os ciganos Calon, deixa de ser crianças entre os Calon de Mamanguape só quando se casa, e este casamento, para ter uma legitimação dentro da comunidade, de maneira mais extensa, e só será legitimado quando o casal tem seu primeiro filho, garantindo a existência do grupo e o ciclo em amis, uma geração dos processos educacionais do ser calon.

matrimônio (momento em que os familiares aguardam com ansiedade a primeira criança. O casamento é o momento ápice deste processo limiar, em que os meninos e meninas se preparam para assumir responsabilidades maiores de acordo com os papéis sociais esperados no grupo. A chegada da criança marca a constituição da família. Monteiro (2017) analisa o processo de transição à fase adulto entre os meninos e escreve que

(...) o processo de construção do “ser homem” calon que, tornando-se adulto através do casamento, deverá buscar prestígio e honra através da demonstração pública da sua capacidade de conseguir prover sua família, prosperá-la e promovê-la a níveis mais altos do status social Calon (Monteiro, 2017:16).

Compreender os ciclos de vida, especialmente a fase da infância, foi necessário para pensar sobre a entrada tardia de algumas crianças ciganas na escola, e até mesmo a não entrada. Assim como, para começar a esboçar um pensamento sobre as condições das escolas nos contextos observados, construindo considerações reflexivas sobre a escola atual e qual a educação enfatizada no período da infância entre os ciganos.

Nas linhas que se seguem, faço um esforço inicial de pensar formulações que se baseiem numa noção de humanidade e de pessoa, juntamente atrelada à noção de ser Calon. A análise está centrada no ensino e aprendizagem da linguagem cigana, sendo este um elemento de reconhecimento étnico (Goldfarb, 2013) aprendido na prática cotidiana do grupo.

Proponho, também, pensar esse processo a partir de dois exemplos etnográficos com duas formas diferentes de práticas de aprendizagem. O primeiro caso, pensar o cotidiano dos Calon na Zona da Mata paraibana no processo de aprendizagem na prática (Lave, 2015). No segundo caso, refletir a inserção dos elementos da cultura cigana em projetos pedagógicos na rede de ensino. Ambos os exemplos nos permitem obter percepções distintas sobre a aprendizagem entre os grupos Calon.

3. Consciência e construções sobre o ser humano para pensar o ser Calon

Buscar a compreensão sobre o que nos faz humanos e seres diferenciados é uma temática que abrange discussões interdisciplinares. Aqui, faço uma curta reflexão a partir de alguns autores que produzem ideias dessa construção de uma consciência e transversalmente envolvem discussões

sobre aprendizagem. A mente humana ou a consciência seria o que nos faz seres diferenciados, segundo Leakey (2000). Essa consciência nos permite raciocinar, e esse raciocinar nos faz reconhecer como “pessoa” humana, colocando o processo de reconhecimento do “eu” como uma das principais características de distinção quando pensamos humanidade e animalidade. “A mente é a fonte do sentido do eu — um sentido algumas vezes privado, algumas vezes compartilhado com outros (...)” (Leakey, 2000:133-134).

A mente arquiva aquilo que somos. Ela produz, a partir da consciência, a autoafirmação. Essa consciência é construída num espaço e no tempo, não é algo que já se nasce, mas é construído ao longo dos dias de vida de uma determinada pessoa. Quando confrontados com a nossa imagem, reconhecemos que, a partir da informação da consciência (a qual considero como força motriz), nos direciona e nos "controla" dentro de uma perspectiva social de vida. A mente nos permite reconhecer as coisas e criar, e nos faz perceber nossa individualidade em contextos distintos.

Dentro dessa perspectiva de reconhecimento dentre as faculdades da mente e as diferentes faculdades cognitivas existentes entre o homem e determinados animais (Leakey, 2000), considero que as capacidades motoras e cognitivas estão direcionadas para um campo condicional da existência daquele ser vivo, construindo, assim, diferentes habilidades de diálogos com o mundo externo animal e não-animal (ambiente e mente). Assim, trazemos a linguagem como um elemento a ser pensado no processo de elaboração de pessoa entre os Calon.

Nesse caso, compreendo a linguagem cigana como um elemento que liga processos de aprendizagem aos processos de reconhecimento como pessoa. A linguagem Calon nos grupos observados é denominada como Chibi, marca elementar do grupo. As denominações para a linguagem vão variar de grupo para grupo, havendo variações em torno da pronúncia da língua também. Podemos compreender que a língua faz parte da compreensão do próprio sujeito cigano como pertencente ao grupo, tomando a ideia que o chibi é o elo de primazia da comunicação e de aprendizagem, conector entre sujeitos ciganos. Não possui grafia ou semântica na maioria dos grupos; a linguagem aparece como um elemento ensinado na oralidade e nos gestos corporais (Maus, 2003). Tanto a linguagem como outras formas de expressões de *ser* do povo cigano são ensinadas e aprendidas na prática de vida destes, são formas elementares a serem observadas na construção do ‘*tornar-se ser Calon*’, ou do ‘*aprender a ser quem nem um*’.

É necessário atentar que as culturas são processadas de forma dinâmica e que a educação do povo é alimentada pela memória do passado perpetuada no tempo presente. Como se dá o processo de aprendizagem de ser cigano tem sido uma questão de reflexão dentro da perspectiva de aprendizagem na comunidade prática, na vivência do cotidiano e nas relações ali tecidas. Destaco, portanto, a linguagem como um instrumento que constrói num grupo um sentimento de singularidade aos seus sujeitos.

4. A língua como ponto de partida para a compreensão da educação

A capacidade de comunicação através da linguagem é outro dado referencial entre alguns autores, os quais apontam a linguagem como uma ferramenta de reconhecimento no mundo: *“a linguagem é um componente-chave para os humanos (...). Há uma vasta literatura em filosofia e psicologia, que se relaciona com a questão de o pensamento depender da linguagem ou a linguagem do pensamento”* (Leakey, 2000:137).

Alguns antropólogos falam sobre a importância da linguagem, atrelada às terminologias de parentesco, apontando a importância da palavra no processo de reconhecimento da pessoa num local e na estrutura do grupo familiar. Destacam a linguagem como uma ferramenta constitutiva nesse processo de reconhecimento do sujeito como pessoa no grupo e nas relações.

Tenho visto, entre os Calon, a linguagem como um traço elementar para o reconhecimento do sujeito “pessoa” e que esse elemento é formado em uma consciência e conhecimento construídos coletivamente. A ideia de ser Calon forma a consciência de que eu sou pessoa; e o outro, não. O saber da linguagem incorpora a prática do ser cigano, e mesmo havendo variações nas palavras nos diferentes grupos existentes no Brasil, vi e ouvi ciganos produzindo longas conversas pelo o ponto de intersecção que os unia: a linguagem.

As ideias de Richard Leakey descrevem sobre a produção da consciência, como um processo de reconhecimento entre algumas espécies, e que esta consciência é passível de mudanças num processo de contato entre homem e ambiente, pensando o desenvolvimento humano e os processos de aprendizagem entre gerações nas construções desta mente. O autor enfatiza que essas relações são traçadas dentro de um determinado contexto. Sendo assim, a

tomada de consciências sobre uma determinada humanidade possuirá características distintas em grupos distintos, em tempos diferenciados,

Os humanos tornam-se humanos por meio de um aprendizado intenso não apenas das habilidades de sobrevivência, mas também dos hábitos e costumes sociais, parentescos e leis sociais — isto é, cultura. (...). Pode-se dizer que a cultura é a adaptação humana (...) (Leakey, 2000: 92-93) .

Nesse cenário, Leakey nos indica sobre a importância de observar esses processos em contexto distinto, fazendo-nos pensar como a língua dos ciganos é um dado que nos faz refletir a pertença a um grupo maior, mesmo havendo algumas variações em grupos menores. O chibi então arremata nos sujeitos que o compartilham, o sentido de serem pertencentes ao mesmo grupo. Compreender como crianças e adultos ciganos dinamizam o processo da linguagem, passa pela maneira de compreensão do ser cigano, sendo estes, processos imbricados e intrínsecos que vão sendo compartilhados ao longo da vida. O antropólogo Ingold (1994) traz apontamentos sobre esses processos contínuos de construção da mente, num diálogo entre humanidade e animalidade.

Ingold (1994), ao falar sobre um determinado desenvolvimento da mente, coloca em ponto de reflexão, a *mente* em interação com o *ambiente*. Essa construção interacional entre homem e natureza demandará outros formatos, outros desenhos de mente, ou não. Pensando o caso da linguagem, a cada experiência e novo contato, a pessoa cigana se dá como uma oportunidade de aprender um novo termo, já que a aprendizagem ocorre na prática cotidiana, construindo nomenclaturas dentro da sua espacialidade étnica. Neste sentido, veremos como ciganos constroem seus elementos de linguagem a partir de seus cotidianos.

A diferença que nos marca seria a mesma que nos torna humanos, segundo Ingold (1994). Nessa perspectiva de *tornar a ser*, o aprender, e os processos como são construídos, nos ajudam a refletir sobre a capacidade de permeabilidade da mente e dos tipos de educação e processos de aprendizagem variados que podem existir. Relaciono os autores, até o momento citados, às observações vivenciadas no dia a dia entre os Calon, compreendendo, assim, que o reconhecimento de “ser pessoa” acontece no processo de aprendizagem de valores e elementos compartilhados em um determinado grupo.

Nessa perspectiva, Ingold relaciona a construção da mente com as particularidades culturais específicas de um contexto. Por esse caminho, conhecer como se dá a aprendizagem da

linguagem cigana nos distintos grupos elenca as variações de aprendizagens nas formações de relações distintas. A relação destes sujeitos com esse processo de aquisição e aprendizagem da língua dentro do grupo vai caracterizando nas crianças a pertença, a etnia Calon, em contraponto ao outro, que não sabe, e não pode aprender por não ser um Calon⁴.

Um dos exemplos que baseiam este escrito foi um momento da pesquisa no grupo da Zona da Mata Paraibana, que perguntei às mães ciganas como as crianças aprendem a linguagem, já que é um código secreto de conhecimento e transmissão permitida só aos ciganos⁵. A pronúncia é rápida, o que pode gerar uma dificuldade no processo de aprendizagem. Algumas mães respondiam que, no Chibi, todo cigano já nasce sabendo. Interessante foi observar, no contexto referido, como se deu esse processo com uma das crianças de lá⁶.

No início das minhas idas a campo, o cigano Gavião tinha apenas um ano de idade e alguns meses. Convivendo com ele percebi que, antes dos dois anos de idade quando ele começava a balbuciar suas primeiras palavras em português, ele também já compreendia o chibi, já falava algumas palavras e a mãe já não conseguia esconder dele algumas conversas tidas com as demais pessoas da sua família, pois o menininho já conseguia compreender o que era dito. Como dito anteriormente a comunicação verbal passa também por uma aprendizagem de expressão corpórea. A linguagem foi tida como um elemento constitutivo da identidade cigana nos trabalhos de Goldfarb (2013) e Silva (2015).

A linguagem cigana faz parte do processo de educação do grupo, de interação entre crianças-crianças e crianças-adultos, ambos ciganos. A linguagem é ensinada e aprendida num processo de aprendizagem oral e visual, que no caso dos Calon da Zona da Mata paraibana, não é vivenciado nas escolas no contato com o não-cigano, nem dentro dos padrões de aprendizagem de línguas com aporte da grafia. Podemos então pensar essa forma diferenciada de ensinar e aprender, como maneiras distintas de elaboração das práticas de vida de um grupo específico, atribuindo a esse processo parte de reconhecimento como pessoa cigana no seu contexto social e para além dele (no confronto com o outro, o não-cigano).

⁴ Existem limitações neste tornar-se através da língua. Durante pesquisa de campo, questionei alguns ciganos sobre a possibilidade de quem não nasce com o sangue cigano, pode tornar-se cigano. Enfaticamente responderam-me que isso não acontece, **torna-se quem nasce cigano.**

⁵ Existe uma longa discussão sobre quem é cigano e sobre quem possui esse “direito” de saber da linguagem. Num encontro de povos ciganos, realizado no mês de agosto de 2015, no município de Sousa na Paraíba, ficou acordado que os sujeitos que podem conhecer a linguagem seriam os ciganos de sangue, ciganos de descendência.

⁶ Mãe e crianças Calon da Zona da Mata da Paraíba.

As diferenciações contextuais nos permitem observar elaborações distintas de grupos que podem ser considerados integrantes de um mesmo grupo social. Observei modos diferentes relatados sobre a aprendizagem da linguagem cigana em diferentes grupos presentes no Estado da Paraíba, durante pesquisa de campo, e como os argumentos sobre o “nascer sabendo” pode ser pensando dentro dessa perspectiva de mente e ambiente. Esse processo de interação entre o sujeito e o ambiente, vai o fazendo, vai o ensinando e ele aprende de acordo com as necessidades cotidianas.

Nos primeiros anos de contato com o grupo cigano da Zona da Mata, percebi que o processo de aprendizagem da linguagem Chibi entre os ciganos parecia ocorrer de maneira única, na vivência em grupo. No chibi, não há conteúdos semânticos, há um processo contínuo de transmissão entre os sujeitos de diferentes gerações pertencentes ao grupo. A linguagem e seu processo de aprendizagem, nesse contexto, podem ser compreendidos também dentro da lógica do que Ingold (2010) denominada como *cópia*.

(...) é um processo não de transmissão de informação, mas de redescobrimto dirigido. Como tal, ele envolve um misto de imitação e improvisação: isso pode ser mais bem compreendido, na verdade, como as duas faces de uma mesma moeda. Copiar é imitativo, na medida em que ocorre sob orientação; é improvisar, na medida em que o conhecimento que gera é conhecimento que os iniciantes descobrem por si mesmos (...). **O processo de aprendizado por redescobrimto dirigido é transmitido mais corretamente pela noção de *mostrar*.** Mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo (Ingold, 2010:17).

Essa *cópia* através do *mostrar* acontece dentro do grupo, traduzindo as variações e os processos de desenvolvimento da linguagem a qual vai sendo diferenciada nos locais praticados. O cotidiano dos Calon da Zona da Mata é diferente dos Calon do sertão (exemplo que irei citar posteriormente), essa diferenciação faz emergir necessidades distintas, as palavras dos chibi são ensinadas de acordo com o ritmo de vida, não há um tempo regular para este o ensino, as crianças vão escutando, compreendendo e “incorporando”. A relação da criança Calon com o seu ambiente vai dando dimensão da sua identidade como cigano(a), da sua possibilidade de vida naquele contexto e em outros.

Entre as crianças ciganas, percebi momentos em que elas demonstraram amplo conhecimento da dinâmica da vida do grupo, apreendem e reproduzem dentro de suas ideias e possibilidades. É nessas perspectivas que podemos visualizar a capacidade criativa e de agência

das crianças ciganas, atrelando à capacidade de aprendizagem, a partir do convívio no seu grupo social. O processo de aprendizagem perpassa a relação professor-aluno; começamos a questionar, então, quais as relações que estão imbricadas nesse processo de ter alguém executando o ensino e alguém assimilando o que está sendo ministrado? O processo de aprendizagem está diretamente relacionado com o tempo e o espaço, o que se aprende está imbricado no cotidiano vivido. Segundo Jean Lave:

(...) na teoria da prática social, é a ideia de que toda atividade (o que seguramente inclui a aprendizagem) é situada nas relações entre pessoas, contextos e práticas. Isso nos levou às noções de que a aprendizagem é situada em complexas comunidades de práticas (culturais e mutantes, como parte do processo histórico que constitui a vida social). As coisas são constituídas por, e constituídas como, as suas relações; e assim, produção cultural é aprendizagem que é produção cultural (...) (Jean Lave, 2015: 40).

Jean Lave problematiza a condição de aprendiz. A nossa vivência vai produzindo experiências que nos permite um conhecimento acumulativo, construindo em nossa consciência dimensões sobre conhecimento e reconhecimento de ações e coisas dentro de uma lógica relacional. O reconhecimento faz parte do processo da aprendizagem, permite observar o ensino e aprendizagem vivido no cotidiano Calon, a partir das práticas, da dinâmica de vida e dos elementos do grupo, como formada educação cigana entre crianças e adultos Calon.

A educação é geradora de conhecimento contínuo para grupo: crianças e adultos ciganos vivenciam no cotidiano o processo de (re)conhecimento como Calon. O conhecimento que vai sendo adquirido e transmitido ao longo dos anos, entre crianças e adultos, falantes e não-falantes, embora realizado por métodos diferenciados, transforma a interação em conhecimento e reconhecimento. Ambos se fazem a partir de uma prática de aprendizagem que também podemos ver nas *comunidades práticas* descritas por Lave (2015).

Aprender na prática envolve aprender a fazer o que você já sabe, e fazer o que você não sabe, interativamente, ambos ao mesmo tempo. Tais relações, múltiplas e contraditórias, são todas, juntas e, ao mesmo tempo, “a relação” em questão – chamem isso de “aprender na/como prática” (Lave, 2015:41).

É na forma como ocorre a transmissão, e como os sujeitos estão vivendo essa aprendizagem, que Lave nos mantém atentos, buscando observar a maneira como as crianças ciganas vivem o processo de aprender a linguagem em seu cotidiano. Entre os Calon, podemos pensar, também, sobre a prática da quiromancia (da leitura de mão), como uma forma de aprendizagem que dá um relativo empoderamento às mulheres que a possuem.

As diferentes formas educacionais podem ser pensadas pelas variações de concepções de lógica de vida dos grupos e o que é tido como prioridade ao ensino das crianças. A autora portuguesa Casa-Nova (2005) nos incita a pensar que existem valores peculiares ao ensino das crianças ciganas no coletivo familiar que são equiparados a valores fomentados a educação de crianças não-ciganas de classes sociais abastardas em Portugal:

(...)as famílias ciganas da comunidade *valorizam* (...) características que, nos vários estudos efetuados, são atribuídas às famílias de classes sociais favorecidas: *domínio de si, autonomia e curiosidade*, mas também *segurança e responsabilidade*, (...) Essa valorização, a par com a socialização de crianças e jovens em valores culturais que consideram superiores aos valores transmitidos pela sociedade maioritária (*o respeito e o não abandono dos mais velhos; o carinho e o não abandono das crianças; a solidariedade com os doentes e a preservação da virgindade das raparigas até ao casamento*), *a forte coesão e proteção grupal em momentos de forte tensão e exposição individual no que se refere a relações inter-étnicas, bem como o medo que, como forma de poder e de estratégia de sobrevivência, suscitam nos outros*, é parcialmente explicativa da segurança e algum sentimento de superioridade evidenciados pelos elementos de etnia cigana em relação à restante sociedade (Casa-Nova, 2005:201).

Estes valores incentivados entre as crianças ciganas são valores observados nos dois grupos presentes na Paraíba, estes valores, além de os auxiliarem no cotidiano de suas vidas, os ajudam a viverem e se reconhecerem como ciganos, e fazem parte da lógica de ter uma linguagem que é secreta e estimulam os valores “*domínio de si, autonomia e curiosidade*, mas também *segurança e responsabilidade*, (...)”, ditos pela antropóloga Casa-Nova (2005). As concepções e categorias de grupos sociais distintos precisam ser observadas e compreendidas como formas relacionais pertencentes aquele grupo, pois muitas vezes, tentamos generalizar os modos de vida, e não pautamos a importância para a compreensão das singularidades educativas em cada grupo.

A percepção é que esses elementos compõem a identidade Calon. A linguagem, a prática da quiromancia, as performances do corpo, as formas de negociação são partes da construção do ser um Calon ou uma Calin. Como são realizados esses processos, e se existe uma forma de instrumentalizar e incluí-las numa pedagogia escolar cigana, são questões de investigação há longo tempo. Investigar sobre uma ideia de escola cigana a partir do ponto de vista dos ciganos.

A experiência que me levou considerar como a escola poderia dialogar com os aspectos da educação prática dos Calon, foi o caso do sertão paraibano, local onde existe um grupo bem

maior de ciganos, divididos em sub-grupos distintos; nesse município há a realização de curso de chibi para as crianças ciganas. É importante destacar que a realização do curso aconteceu dentro do território do grupo e que as crianças e professores ministrantes do curso foram Calon. Então, nesse outro processo, havia um envolvimento mais instrumentalizado do ensino, porém não deixava de ser um compartilhamento de saberes entre os pares.

Em conversa com uma cigana, no mês de agosto de 2015, ela me disse que desde o ano de 2014 vem exercendo o ofício de professora de chibi, num projeto que estava implantado na comunidade para ensino e aprendizagem do chibi. Confesso que estranhei, e ao indagar: “Curso de chibi para os ciganos?”, ela me respondeu: “ Sim! Para nossas crianças.”.

Meu estranhamento se deu porque, minha experiência junto aos Calon da Zona da Mata paraibana mostrava que o processo de aprender o chibi é construído no cotidiano, durante conversações entre sujeitos de distintas gerações do grupo, no processo de mostrar segundo Ingold (2010:17), “(...) O processo de aprendizado por redescobrimto dirigido é transmitido mais corretamente pela noção de *mostrar*”. A preocupação na formação desse curso foi para que as crianças ciganas não deixassem de aprender a linguagem materna. No contexto do Sertão, o ensino da linguagem ultrapassa o cotidiano familiar e invade a estrutura da escola, reelaborando novas práticas de ensino compartilhado em outros espaços. A instrumentalização pedagógica do ensino da linguagem, e aqui menciono a própria situação de sala de aula, e da relação aluno-professor, é um bom exemplo para começarmos a pensar quais elementos da cultura cigana poderiam estar presentes no conteúdo curricular das escolas, num ambiente escolar exclusivo para ciganos com professores e alunos do grupo⁷.

Pensando na contribuição do saber cigano e de sua história na escolarização nacional, acredito que incluir a história dos ciganos no Brasil, nos currículos pedagógicos, é uma forma democrática de incluir a história desse povo, na sociedade da qual faz parte. Em escolas onde se tem a presença de profissionais pertencentes a grupos ciganos, é possível observar a prática da inserção da história de seu grupo no cotidiano da sala de aula, através de contação de histórias e exemplos cotidianos, mas é necessário expandir para além das instituições de ensino onde não se tenha a presença de ciganos, afim de respeitar a história de um povo que está entrelaçada com a

⁷ O PNE de 2014 NO (>>>).

própria história do Brasil . Há uma urgência neste processo de reconhecimento de um grupo que fez e faz parte da história nacional.

É importante aqui destacar que a forma de aprendizagem da linguagem, tanto no cotidiano familiar, quanto numa escola para ciganos, pode ser bem refletida, a partir das ideias de Jean Lave (2015). Nessas circunstâncias, as crianças não são só aprendizes, “*o que eles aprendem é também corporificado e situado*” (Lave, 2015: 4), porque o que estão aprendendo faz parte da construção da sua identidade como pessoa Calon. Não importa onde aconteça, nem a forma como se é ensinado e como esse aprender prático acontece na vida das crianças ciganas. O importante é compreendermos que este processo de movimento contínuo da aprendizagem da língua esta intrinsecamente ligado a corporificação do seu *ethos* Calon.

5. Considerações

As reflexões apresentadas neste artigo são passos iniciais para o entendimento sobre os processos de aprendizagem entre as crianças ciganas. As relações com alguns elementos característicos da cultura, como a linguagem, fizeram refletir que os processos educacionais podem ser considerados como “*processos de aprendizagem, situados numa comunidade de prática*” (Lave, 2015), sendo essa comunidade que possui um *ethos*, tendo uma forma de concepção sobre mundo, pessoa e gerações. Para tal análise, investi em discussões sobre a humanidade que leva em consideração a formação da mente, compreendendo a consciência como uma unidade de apreensão da lógica da noção de humanidade. Entre os ciganos, essa lógica está circunscrita dentro da lógica de uma pertença étnica. Eles se reconhecem como pessoa, e como cigano.

Ser pessoa para os ciganos é sinônimo de ser Calon, e esse processo construtivo acontece, no processo do ensinar e aprender as lógicas de vida calon dentro do grupo. A linguagem é um fator que tem permitido refletir sobre processos de educação diferenciados. O chibi só é ensinado, aprendido e compreendido entre os ciganos. Nas escolas, a ausência de alguma referência de seu cotidiano faz com que o desinteresse se perpetue por gerações entre os ciganos, embora essa

atitude não seja geral. Hoje, temos ciganos que frequentam escolas e reivindicam mais espaços e direitos referentes aos processos institucionais nesses espaços.

O chibi é um elemento muito expressivo dos Calon, marca a fronteira do universo cigano – não cigano; a linguagem não é falada na frente de qualquer pessoa, por isso, algumas vezes, muitos acham que os ciganos estão “perdendo ou desaprendendo” sua cultura. Alguns Calon relatam que a linguagem é uma ferramenta de defesa do seu povo. No estado da Paraíba, pude conhecer dois processos diferentes de aprendizagem do chibi, em suas realidades distintas. Na Zona da Mata, a realidade se aproxima de uma aprendizagem na prática, no cotidiano; observa-se e vai aprendendo, não há uma fórmula, mas também podemos dizer que não é uma forma intuitiva. Já no caso do Sertão, os relatos falam de um curso realizado dentro da comunidade, ensinado por ciganas (os) para crianças ciganas. Nessa segunda proposta, podemos pensar que a educação cigana poderia estar instrumentalizada e amparada, tal como a educação indígena, quilombola e outra que leve em consideração a demanda da população atendida.

Sempre penso que os processos de escolarização de um grupo devem partir da demanda do próprio grupo. Não cabe a mim, nem uma pessoa exterior, pensar um modelo de escola para um determinado grupo, trago apenas reflexões baseadas em observações e teorias que permitem pensar sobre fundamentos de uma educação cigana. Destaco a importância de reconhecermos que cada grupo possui sua forma de educar, de ensinar, de repassar seus conhecimentos e perpetuar suas singularidades.

Referências Bibliográficas

CASA-NOVA, Maria José. Etnicidade e Educação Familiar. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v.8, n.2, p.207-214, maio/ago. 2005.

_____, Maria José. *Etnografia e Produção do Conhecimento: Reflexões críticas a partir de uma investigação com ciganos portugueses*. Lisboa. (Olhares 8), 2009.

CODONHO, Camila G. *Aprendendo entre pares: a transmissão horizontal de saberes entre as crianças indígenas Galibi-Marworno (Amapá, Brasil)*. Dissertação de Mestrado. UFSC, 2007.

COHN, Clarice. *Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil*. Civitas: Revista de Ciências Sociais/PPGCS/PUC-RS.- V, 13. N. 2 (maio-agosto. 2013) – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. *O Tempo de Atrás: um estudo sobre a construção da identidade cigana em Sousa-PB*. UFPB. 2013.

INGOLD, Tim . "Humanity and Animality", in Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Londres, Routledge, pp. 14-32. Disponível em português em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_05.htm. 1994

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, jan./abr. 2010, p. 6-25. 2010.

LAVE, Jean & WENGER, Etienne Situated Learning. *Legitimate peripheral participation*, Cambridge University Press. (I). 1991.

LAVE, Jean. APRENDIZAGEM COMO/NA PRÁTICA. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015.

LEAKEY, Richard. “Um tipo diferente de humano” e “A origem da mente” In *A origem da espécie humana*, São Paulo:Rocco. (I) 2000.

MAUSS, Marcel. “As técnicas do corpo”. In: *Sociologia e Antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento J. Monteiro. *AS CRIANÇAS CALON: UMA ETNOGRAFIA SOBRE A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA ENTRE CIGANOS NO VALE DO MAMANGUAPE-PB*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPB. João Pessoa-PB, BRASIL. 2015.

MONTEIRO, Renan Jacinto. *DE MENINO À HOMEM: A CONSTRUÇÃO DO “SER HOMEM” ENTRE OS CALON DA COSTA NORTE PARAIBANA*. Monografia defendida no Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. UFCG- CG-PB. Março-2017.

SILVA, Lailson Ferreira de. *A vida em família: parentesco, relações sociais e estilo de vida entre os calons de Sobral, Ceará*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). UFRN, Natal, 2015.

TASSINARI, Antonella. “Múltiplas Infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola ou A Sociedade contra a Escola”, comunicação apresentada no 33º Encontro da ANPOCS. *Anais da 33º ANPOCS*, Caxambu, 2009.